



BERIMBLUES – NA PRESSÃO

Texto de Luiz Carlos Laranjeiras

Sinfonia do quintal

Cadê o quintal do Paraíso que estava aqui?

Teatro musical popular brasileiro para a juventude

Estripulia musical em dois atos, um prólogo e uma Folia de Reis.

Finalista do Prêmio Ana Maria Machado de Dramaturgia 2007

Sinopse

Folia da terra é um texto de teatro musical brasileiro para a infância e a juventude, que fala da relação conflituosa entre o homem e a terra, com figuras mitológicas, assombrações, cantos, ritmos e danças brasileiras.

Gênero: Teatro musical.

Faixa Etária: classificação livre; teatro para todas as idades; texto para ser encenado por crianças e jovens; infantil e infanto-juvenil.

Nº de Personagens: 25.

PERSONAGENS

MIRO LÍRIO: violeiro.

MATEUS: menino, 12, jovem, 18; ator, toca violão, viola e outras cordas, gaita, teclado e canta.

MÃE: personagem oculto; voz na coxia.

PAI: personagem oculto; voz na coxia.

CONDE DA BOA SORTE: seresteiro; ator, toca violão.

ANDRÉ: menino, 11, jovem, 17 anos; ator, toca piano (ou teclado) e canta.

MÁQUINA: personagem-objeto grandioso, fabuloso, impactante e assustador, em forma de escavadeira e/ou trator, manipulado por vários atores e feito de ferro, arame, pano, madeira e papelão, com vários efeitos e movimentos, em tons de prata, detalhes dourados, luzes e aparência reluzente, que solta fumaça pelas ventas quando se fala a palavra “quintal”; proposta de construção do personagem: o “Caveirão” da PM carioca com pás, correntes, cabos, rodas e apetrechos de uma máquina escavadeira, trator e/ou rolo compressor.

HOMEM 1: engenheiro.

HOMEM 2: operário.

HOMEM 3: operário.

RENATA: 17 anos; atriz, canta.

MARCOS: 17 anos; ator, toca percussão e bateria e canta.

ROSANA: 17 anos; atriz, toca baixo elétrico, violão e canta.

MARINA CARLSSON PICARDELLI: atriz e produtora da MBTV, *Music Brazil Television*.

MÚSICOS * (3): violão e outras cordas, flauta e outros sopros, percussão e canto; violas afinadas em Cebolão D ou Cebolão E; música ao vivo; vestidos de preto com desenhos pequenos de claves e notas musicais em branco, os músicos ficam num tablado/praticável na lateral, acima ou abaixo do plano do palco, onde tocam, cantam e fazem as intervenções sonoras na tessitura da peça; música acústica, os instrumentos eletrificados são a guitarra, o baixo e o teclado; no quadro de músicas e nas rubricas

ao longo do texto são indicados os ritmos, modos e instrumentos de cada música, tema e intervenção sonora.

* **Aos músicos:** os “acentos musicais” indicados nas rubricas são “comentários” musicais, intervenções, acentos sonoros cômicos e/ou dramáticos dos instrumentos para marcar uma fala, um gesto, uma ação ou uma situação da peça; música instrumental narrativa.

As indicações “vocal e instrumental” no quadro de músicas e nas rubricas são para as músicas cantadas (vocais) e tocadas (instrumentais), as músicas e temas só instrumentais e para as canções somente cantadas, sem instrumentos, em solo e/ou em coro, conforme a cena.

As indicações de “bis”, colocadas entre parênteses no final dos versos, significam que o verso todo deve ser cantado novamente, bisado, em coro e/ou em solo, de acordo com a música.

Os sons reais da natureza e os sons reais urbanos de britadeiras, buzinas, vidraças, sirenes, carros, etc. são feitos pelos três músicos, cordas, sopro e percussão em geral; avaliar a possibilidade de usar gravações de sons reais urbanos e naturais e mesclar com os instrumentos de corda, sopro e percussão.

Para o autor, a música executada ao vivo pelos três músicos é a forma adequada para a realização do espetáculo em sua plenitude dramática e musical, para o cumprimento dos propósitos artísticos e educativos da peça, de estimular o gosto do público pelo teatro e a música.

* Cenografia – No 2º ATO, a paisagem da cidade vista da janela do quarto no apartamento dos pais de Mateus pode ser um telão com a pintura realista e/ou hiper-realista dos prédios e/ou uma fotografia ampliada, em dimensões reais, da paisagem de prédios, vista do alto.

* No 2º ATO são projetadas numa tela branca as imagens gravadas do programa Ensaio/MPB Especial, da TV Cultura/SP, exibido em 1973, com Elis Regina cantando *Águas de Março*; link para acessar o programa:
<http://www.youtube.com/watch?v=S98II6H94oU>

“Rubricas” são os textos que complementam os diálogos de uma obra teatral, com as indicações de ações, gestos, intenções, emoções, movimentações, iluminação, cenários, figurinos, músicas, entradas e saídas dos personagens, etc., colocadas em itálico e entre parênteses ao longo do texto.

MÚSICAS (Letras, músicas, temas e composições do autor)

MANHÃ TROPICAL: cururu, moda de viola, vocal e instrumental.

PERALTA: chorinho, instrumental.

SINFONIA DO QUINTAL: intervenções sonoras, instrumental; tema experimental.

ÁGUA, TERRA, FOGO E AR: samba, instrumental.

ORDEM E PROGRESSO: música experimental, com pulsação marcial, dobrado militar, tocado de forma lenta, com sons de buzinas, derrapagens, vozes, sirenes, aviões, carros, caminhões, motos e ônibus, feitos pelos músicos e/ou gravados; vocal e instrumental.

MORENA: xote, vocal e instrumental.

ROLO COMPRESSOR: *rock* pesado progressivo, instrumental.

EM OBRAS: “sinfonia urbana” instrumental; composição experimental com sons de construção e demolição: maçaricos, britadeiras, furadeiras, esmeril, serrote, serra elétrica, etc., mesclados com baixo e guitarras pesadas; feitos pelos músicos e/ou gravados.

UMA PALAVRA: canção romântica, vocal e instrumental.

CIÚME: samba, bossa nova, vocal e instrumental.

VIDIOTA: canção, vocal e instrumental.

RABO DE SAIA: *reggae*, vocal e instrumental.

BERIMBLUES: *blues* com berimbau, gaita e guitarra, vocal e instrumental.

NA PRESSÃO: maxixe, instrumental.

DECISÃO: samba-de-roda, com variações, vocal e instrumental.

RAPSÓDIA DO MUNDARÉU: poema-ação, na pulsação das violas; fusão de moda de viola e *blues*; uso de *slide* (metal friccionado nas cordas para solos de *blues*) na viola caipira.

INVASÃO: maracatu, vocal e instrumental.

PRIMEIRO ATO QUADRO 1

Três cantos/trinados de pássaros diferentes. As luzes abrem no quintal numa manhã tropical, com lençóis e roupas em dois varais de bambu. No fundo, um muro alto de tijolos aparentes. Espalhados pelo quintal, um violão escuro e velho encostado num caixote, mais dois caixotes, bacias, canecas e tinas com água, pneus, barris, tonéis e tambores de metal, tubos de PVC e metal, painéis, frigideiras, talheres, raladores, pratos de metal e vidro, latas e garrafas de vários tipos, madeiras, bambus, mangueiras, pentes e escovas, celofane, folhas verdes, etc. Três apitos de partida de trem. Na coxia, o violeiro MIRO LÍRIO dá os primeiros acordes e solos de viola do cururu, moda de viola, MANHÃ TROPICAL; depois ele entra, anda entre os lençóis e na boca de cena canta o primeiro verso do cururu com sotaque “caipiracicabano”, o segundo verso com o sotaque do ator. Luz em foco no violeiro cantando e ponteando a viola diante do público.

MIRO LÍRIO: Vê-le contá um causo sucedido, *(eu sou Miro Lírio li)*
Mai num vê-le contá u'a fita, *(sou Miro Lírio lá)*
É assunto acontecido,
Vê-le contá um fato.
Num é bravata, é u'a feita.
Vê-le contá no ato. *(bis)*

O progresso finca a bandeira *(eu sou Miro Lírio li)*
Na cidade em construção, *(sou Miro Lírio lá)*
No quintal tem brincadeira
Do menino e o violão,
Tem pipa, pique, pião e bola,
Viola, prosa, poesia e canção. *(bis)*

(fala quase canto; a viola pontua sua fala, sem sotaque)

No princípio era o som... *(acento musical, solo da viola)*
No princípio era a canção... *(solo de viola)*
Sou Miro Lírio da Viola, de tanto chão andado, muito canto cantado, tanta viola ponteada...
Muito conto contado. O livro do mundo é minha escola. Hoje, aqui, já, agora, trago um caso do fundo da memória.
Quando cantei numa grande cidade.
Era uma feliz cidade com seus cantos, violões, violas, serestas, serenatas e quintais...

(ponteia e sola na viola)

No princípio era a viola.

Era uma vez um quintal. Um dia... Um menino, um muro, o destino, o futuro, um dom.

No princípio era a bola... No princípio era o som.

Sons de vidraças quebradas. Cai uma bola no quintal. O violeiro sai tocando e a música some. Silêncio. As mãos e o rosto do menino MATEUS aparecem no muro. Um foco abre no rosto do menino atrás do muro e outro foco no violão encostado no caixote no quintal. Começa o chorinho PERALTA, instrumental. Lentamente, em movimentos sincronizados com a música, o menino salta do muro e se aproxima do violão.

MATEUS: *(maravilhado)* Um violão! O que tá escrito? *(pega o violão)* Tá escrito... *(lê com dificuldade)* “A vi... Da... Sem a... Mu... Si... Ca... Música... Se... Ria um... Erro. O res... To... É si... Lencio. “A vida sem a música seria um erro... O resto é silêncio”. Ih, viver sem música? Deve ser vazio. *(o chorinho para; pausa silenciosa de dez segundos dele abraçado ao violão, depois murmura)* É o silêncio!? Ah, tem música no silêncio, eu escuto. *(inquieta)* Por que é o ouvido que escuta? Por que é o olho que olha? É a boca que come, canta e fala? *(pausa; suspira)* Sinto o silêncio... É música, eu sei, eu escuto... *(pausa de cinco segundos, com sons de batidas de coração)* Por que são as mãos que escrevem e tocam? Ah, violãozinho, tá em silêncio há quanto tempo? *(feliz, dá um acorde no violão; num sobressalto, encosta o violão no caixote)* Ih, aqui é a casa do cachorro louco que baba, bebe sangue e come gente? A casa do Conde da Boa Morte, o homem da capa preta! Dizem que ele dorme no caixão e bebe chá com sangue, xixi e lágrimas de criança. Ai... *(calafrio)*

Mateus anda pelo quintal, tira sons improvisados com os objetos, os músicos também improvisam, repetem e dialogam com os sons do menino, na música experimental SINFONIA DO QUINTAL, com temas espontâneos. Mateus descobre as musicalidades dos objetos; o autor sugere que a cena seja um jogo de sensibilização das percepções musicais do ator/personagem, brincado e improvisado a cada apresentação da peça. Jogo de improvisação musical do menino com os objetos e os músicos com os instrumentos: Mateus encosta a corda do varal no ouvido e ouve o som de um contrabaixo. Sopra os tubos de plástico e metal, as garrafas e faz sons de flautas. Com uma folha verde na boca faz sons de trombone, tuba e trompete. O mesmo faz com um pente e o celofane na boca. Deita o violão no chão, com uma baqueta de bambu e outra de metal, encosta nas cordas e faz sons de violinos, violas e violoncelos. Ouve-se um barulho de porta. A improvisação musical cessa. Silêncio e tensão. O menino pega a bola e se esconde entre os lençóis. Entra o CONDE DA BOA SORTE, vestido de branco.

CONDE DA BOA SORTE: *(alto)* Tem alguém aí? *(vê o menino)* O que faz escondido aí, guri?

MATEUS: *(assustado)* Só vim pegar a bola, seu Conde da Boa Morte, e aí eu vi o violão.

CONDE: Não sou da Boa Morte. Sou Conde da Boa Sorte. Você fala do violão velho ali, guri?

MATEUS: É isso mesmo, seu Conde da Boa Sorte, o violão velho... Mas o senhor não tem uma capa preta, dorme num caixão e bebe sangue de criança?

CONDE: *(ri)* Isso de capa preta, caixão e sangue é lorota das “candinhas”, as fofqueiras antigas aqui do bairro que faziam essas brincadeiras com meu pai, Conde da Boa Morte, que usava terno preto nas serestas. Só ando de branco. Meu pai fazia serenata naquele violão para as viúvas, por isso era o Conde da Boa Morte. Sou Conde da Boa Sorte, fazia serenata pros novos amores, a boa sorte nas novas conquistas. Meu irmão, o Barão do Bonsucesso, fazia serestas para o bom sucesso do amor, para apaziguar os casais que brigavam. São os nomes artísticos da nossa família de seresteiros, Bonsucesso, Boa Sorte, Boa Morte... Ah, e tem a Marquesa da Boaventura, minha vó, que cantava para dar uma pitada de romance ao amor dos casais que viviam felizes para sempre uma vida de boa ventura...

MATEUS: Todo mundo viveu nessa casa?

CONDE: *(triste)* Hoje cada canto da casa me traz uma lembrança... *(pausa; refaz-se)* Todo mundo viveu aqui e aprendeu a tocar e a cantar nesse violão velho. *(muda de tom)* Então é você, gurizinho peralta, que quebra as vidraças com as bolas?

MATEUS: *(sem jeito)* Não, não, que é isso, seu Conde da Boa Sorte?

CONDE: *(paternal)* Já nem me aborreço mais. Do jeito que anda o crescimento da cidade, é asfalto e concreto em tudo, as crianças já nem tem mais quintais para brincar. Aqui nesse quintal eu me criei e aprendi a fazer serenata...

MATEUS: *(interrompe, curioso)* Serenata é cantar?

CONDE: *(emocionado)* É cantar para alguém... É sempre cantar para alguém, pro outro. Cantar com a voz e o coração pelo amor de alguém por alguém, pelo encontro de um alguém com outro alguém, pelo reencontro, pelo começo e o recomeço de tudo na vida de um certo alguém. Cantar as coisas lindas como a lua e as estrelas... Cantar inspirado pela beleza e o amor de uma morena, uma mulata ou uma loura. Já pensou, hein, cantar pelo amor e a beleza de alguém, guri? *(riem)* Ah, como o amor inspira o seresteiro a cantar... *(pausa, suspira)* Tantas serenatas nas janelas. Mas deixei as serestas e serenatas. *(pausa)* O amor se perdeu... *(pios de pássaros)* É tico-tico? É sabiá? É canarinho? *(riso de criança; batida de coração)* É alguém... O som é a vida, o amor... O resto é silêncio.

MATEUS: *(sorri)* Ah, é isso que tá escrito no violão.

CONDE: *(pega o violão, senta no caixote)* Como se chama, “gurizote”?

MATEUS: Mateus.

CONDE: É o nome do meu neto que deve ter a sua idade. *(toca as cordas)* Quer aprender como chamam as cordas?

MATEUS: As cordas do violão têm nome?

CONDE: Tem e cada corda é uma nota musical. Começa de baixo para cima, a primeira corda é a nota Mi, a segunda é Si, a terceira é Sol, a quarta é Ré, a quinta é Lá e a sexta corda é a nota Mi de novo, só que Mi grave, entendeu, guri? O primeiro Mi é agudo e esse é grave.

MATEUS: *(maravilhado)* Então de cima para baixo é Mi, Lá, Ré, Sol, Si e Mi, não é?

CONDE: Pegou rápido, hein! Mas é de baixo para cima, tá bom? Vou te mostrar uma coisa.

O Conde toca no violão o samba ÁGUA, TERRA, FOGO E AR, instrumental, primeiro sozinho, depois com os músicos. O samba tem quatro variações, com referências aos elementos da natureza presentes no quintal; num momento a música é água, noutros é terra, fogo e ar. Mateus toca os objetos e dialoga com o Conde através dos sons. A música cresce. O homem deixa o violão deitado no caixote, olha feliz o menino brincando com os sons e some entre os lençóis. Sem perceber a saída dele, o menino toca os objetos e continua o samba com os músicos. A luz fecha lentamente e anoitece. Ouve-se um assobio forte de homem e uma voz de mulher, de longe.

MÃE: *(alto)* Vem tomar banho, Mateus! Seu pai já chegou! Mateus! Olha a hora! *(a música cessa; silêncio; levanta; outro assobio forte do pai)*

PAI: *(grita)* Vamos logo, moleque! Comprou o pão, o açúcar e o sal pra sua mãe? *(assobia)*

MATEUS: *(afobado)* Pão, açúcar e sal? Ih, não passei no mercadinho... Esqueci do tempo. O pai já chegou do serviço. *(procura)* Cadê o Conde da Boa Sorte? *(pega e abraça o violão, murmura, carinhoso)* Ah, violãozinho velho... Da Boa Sorte... *(outro assobio do pai; encosta o violão no caixote; agitado, mexe nos bolsos)* Ih, meu pai... Ai, minha nossa, as moedas. *(procura as moedas no bolso e não encontra)*

Volta o chorinho PERALTA. Mateus pega a bola, pula o muro e sai, com movimentos na pulsação do chorinho. A luz cai em trevas no quintal. Escuridão. A música continua, instrumental, e faz a passagem para o próximo quadro.

FIM DO 1º ATO - 1º QUADRO

QUADRO 2

Amanhecer cinzento no mesmo quintal. O chorinho some com três apitos fortes de fábrica. Começa ORDEM E PROGRESSO, música experimental, “música concreta”, variações marciais, dobrado militar lento e dramático, com sons de britadeiras, buzinas, derrapagens, vozes, sirenes, ônibus e caminhões. Os músicos falam na pulsação da música, “fala quase canto”, “fala-canto”.

Bate estaca,
A viga metálica!
O apito da fábrica,
Roda a catraca,
Levanta a placa,
É hora do batente,
Abra o expediente,
Olha a produção!
Bata o cartão,
Chama o gerente! (bis)

É a linha reta,
O espaço vazio,
Aterra o mar, o rio,
Concreto, concreta!
“Concretar” é a meta,
O asfalto é a sina,
A fé na gasolina,
Deus é máquina!
O verbo é máscara,
A verba é heroína! (bis)

no centro alto do muro, um caminhão, um ônibus, um carro e uma motocicleta, brinquedos de madeira de Mateus e André, atrás do muro, rostos escondidos da vista do público. As luzes destacam as mãos dos meninos e os brinquedos no muro. Eles brincam em movimentos lentos, fazem sons de buzinas, motores e freadas e simulam uma situação do trânsito. A música continua, instrumental, baixinha, e pontua os sons das ações dos meninos com os brinquedos.

MATEUS: (com um caminhão e um ônibus, um em cada mão) Brrrum! (freada; alto)
Não enxerga por onde anda? É contramão! Aqui é mão única! (acelera o motor) Brrrum!

ANDRÉ: (com um carro e uma moto) O mato não deixa ver a placa de trânsito. (buzina)
Pipipipi!!! Você é grande, mas não é dois e nem é o dono da rua. (buzina mais) Piiiiiiiiiii!!!
Eu não vi a placa e você estava correndo muito. (acelera) Vvrrruummmmm!!!!

MATEUS: Faz exame de vista! Se não der marcha à ré, vou invadir a rua! (*buzina*) Biiibiiibiii! Vrum! (*acelera*) Bbbrrruuooommm!!!!

ANDRÉ: (*buzina*) Bibipibipibi!!! Não pode fazer isso. Vai causar um desastre! Comprou a carta de motorista, é? (*buzina*) Pibipibipibibibiii!!!

MATEUS: Então sai você de marcha à ré e pronto! (*acelera*) Vrrrruuuuruuummm!

ANDRÉ: Não dá pra sair! O trânsito encalacrou! (*buzinas dos outros carros*) Bibipibibi! Fonfonfon!!! Bibipipi!!! Olha a confusão que você fez! Bibibibifonfonfonfon!!!!

MATEUS: Tá na contramão e eu que sou culpado da confusão? Vai ver só! (*acelera, "canta" e derrapa os pneus*) Vvvuurruuummm, Vrrum! Fffrrriimmm! Fffrrreeeiimmiiimm!

Em movimentos lentos e sincronizados, os dois simulam um acidente. A música pontua a situação. Os brinquedos batem e o carro e o ônibus caem no quintal. Os rostos dos meninos aparecem atrás do muro e a música some, de forma caótica e estridente. Silêncio.

MATEUS: (*olha maravilhado*) É o quintal do violão!

ANDRÉ: Ih, o carro e o caminhão caíram no abismo.

MATEUS: Acabou a brincadeira de carrinho.

ANDRÉ: Como assim acabou? E os feridos? Temos que socorrer as vítimas...

MATEUS: Vai começar outra brincadeira, André.

ANDRÉ: Vamos lá salvar os feridos do ônibus e do carro, Mateus. Os passageiros vão morrer...

MATEUS: Vamos pular o muro. Vem logo, André!

Os dois deixam os brinquedos em cima do muro e pulam. André pega o carro e o ônibus e põe no muro. Mateus tira sons dos objetos do quintal e encontra o violão.

MATEUS: (*sorrindo*) É o violão do Conde da Boa Sorte...

ANDRÉ: É o quintal da casa do Conde da Boa Morte.

MATEUS: Não é da Boa Morte. É da Boa Sorte.

ANDRÉ: Como é que você sabe?

MATEUS: Minha bola caiu aqui outro dia e o Conde me falou que Boa Morte era o pai dele e me mostrou esse violão velho que ele e o pai faziam seresta. Ele tocou e me ensinou isso aqui, ó. *(pega o violão e toca as cordas)* Mi, Si, Sol, Ré, Lá, Mi... Mi, Lá, Ré, Sol, Si, Mi.

ANDRÉ: Ele te ensinou o nome das cordas?

MATEUS: São seis cordas.

ANDRÉ: É e cada uma tem um som, não é? Ih, Mateus, será que tem mais alguém aqui?

MATEUS: *(desconversa)* Ah, esquece. *(mostra o violão)* Olha aqui o que tá escrito no violão... A vida sem a música seria um erro, o resto é silêncio.... *(beija o violão)* Ô violãozinho que deve ter tanta história para contar e tanta música para cantar, não é?

Encantado e inspirado, Mateus brinca com as cordas do violão, procura sons, acordes e começa aos poucos a tocar o xote MORENA; momento importante de revelação da “intuição artística” e do “ouvido musical” de Mateus; jogo de descoberta da musicalidade do ator/personagem com o violão e o canto. Mateus canta o verso sozinho e André canta o bis com ele.

Vem moreninha, vem cá,
Cair no xote, “fulorinda”,
Que está cada vez mais linda
E brilha como o luar! *(bis)*

Se não vem, moreninha, eu vou te buscar.
Não brinque com meu coração,
Longe de ti não quero ficar,
Senão eu fico louco, solto nesse mundão.
Morena do sorriso de lua cheia,
Sem você, minha viola ponteia
E da saudade, moreninha, eu faço canção. *(bis)*

Doce é o mel,
Doce é a cana,
Mais doce é a sua voz
Quando diz que me ama. *(bis; a música cessa)*

ANDRÉ: *(maravilhado)* Como aprendeu a tocar essa música, Mateus?

MATEUS: Ah, já ouvi essa música no rádio e toquei agora. Essa música ficou na minha cabeça...

ANDRÉ: Ouviu e tocou agora?

MATEUS: Eu só sabia essa música de ouvido. Lá em casa tem um rádio na cozinha e aí eu ouço essa música quase todo dia de manhãzinha, na hora do café com minha mãe e meu pai. Parece que a música já estava dentro de mim e agora brincando com o violão eu toquei. Opa, vou tirar outras músicas do rádio de ouvido! Caramba! Engraçado isso, não é?

ANDRÉ: Engraçado? É muito bom tocar assim. Queria ter esse ouvido, escutar bem as músicas.

MATEUS: Sempre gostei de escutar os sons e os barulhos das coisas.

ANDRÉ: É muito bom, bonito, estranho e engraçado alguém cantar e tocar assim uma música no violão de memória, de cabeça, de ouvido. Que ouvido, hein!

MATEUS: O violão é como um brinquedo, André. Não sei. Esse violãozinho velho parece que tem vida, que tem muitas músicas e histórias nele. Parece até que fala comigo igual os bonecos que a gente brinca de falar, lutar, voar e fazer coisas. Nem sei como toquei a música assim. Só na brincadeira com o violão. *(abraça o violão)* Eh, violãozinho velho...

ANDRÉ: Que música cheia de balanço, Mateus! Ouvia no rádio, é? Nunca ouvi.

MATEUS: É um programa no rádio que toca músicas do nordeste. É um xote...

Ouvem-se barulhos de tratores e máquinas. O muro treme e os brinquedos caem no quintal. Mateus encosta o violão num caixote e se esconde num canto com André. Entram três homens com capacetes de obras: um com paletó e gravata e uma prancheta e dois de macacão, com marretas e ferramentas em dois carrinhos de mão.

HOMEM 1: *(de paletó; grita)* Vocês aí! Lasca a marreta em tudo. Joga na caçamba o entulho do quintal. *(sai fumaça na coxia; Entra a máquina escavadeira!*

Começa ROLO COMPRESSOR, rock pesado progressivo, entra a MÁQUINA, uma escavadeira, que solta fumaça quando é falada a palavra “quintal”. Os meninos olham com medo. A música pulsa durante os diálogos, ora baixinha, ora intensa.

HOMEM 2: *(alto, para a máquina)* Vem pela direita!

HOMEM 1: Agora vocês dois derrubem, quebrem e limpem tudo. Destruam tudo no quintal! *(a máquina solta fumaça)*

HOMEM 2: Pode deixar, doutor! É com a gente mesmo.

HOMEM: À noite o quintal... *(a máquina solta fumaça)* Vai ficar como o doutor quer. *(os dois homens recolhem objetos nos carrinhos de mão, saem e entram, em ritmo de trabalho)*

HOMEM 1: No fim do dia. O prazo da obra deve ser cumprido. *(aos meninos)* E vocês dois moleques aí? Acabou a brincadeira. Vão pra casa que tudo aqui vai virar entulho.

MATEUS: *(assustado)* Entulho? O que vão fazer com o quintal? *(a máquina solta fumaça)*

HOMEM 1: Não vai ter mais quintal. *(mais fumaça)* Será um estacionamento vertical, com 4 andares, para 500 carros. Sou engenheiro, Dr. Armando Pilares, e hoje começa a obra. Os quintais... *(fumaça)* Do Paraíso, da Liberdade e adjacências serão destruídos, terraplanados e asfaltados. Onde moram, moleques?

MATEUS: Aqui no Paraíso, no fim da rua. Já falou com o dono da casa?

HOMEM 1: Só faltava depositar a indenização. A área vai ser demolida e a obra vai incrementar a economia do Paraíso e da Liberdade. Todas as casas da rua estão no traçado do plano piloto da construção. É a nova cara do progresso da cidade. Se não for esse ano, a demolição de todos os quintais... *(mais fumaça)* Do Paraíso será no ano que vem.

MATEUS: Vamos brincar onde?

HOMEM 1: No futuro de progresso e pujança econômica do Paraíso teremos alamedas de convivência, áreas de lazer e esportes e parques nos empreendimentos imobiliários. *(aos dois homens)* Vamos trabalhar duro, homens, sem moleza!

MATEUS: *(baixinho, para si)* O Conde da Boa Sorte esqueceu o violão no quintal. *(fumaça da máquina; um dos homens levanta a marreta para destruir o violão; a música cresce; grita)* Não! O violão não!

O homem para com a marreta no ar, a música cessa no mesmo instante e todos param num gesto. Só os meninos se movimentam, Mateus pega o violão, André leva os brinquedos e os dois pulam o muro.

HOMEM 1: *(alto)* Passa a máquina no quintal! *(fumaça da máquina)* É hora da demolição! Derruba o muro! Depois juntem todo o entulho e limpem o quintal. *(fumaça)*

Começa EM OBRAS, composição experimental com sons de construção e demolição: maçaricos, britadeiras, furadeiras, esmeril, serrote, serra elétrica, etc., mesclados com baixo e guitarras pesadas. A máquina destrói tudo no quintal. Os 2 homens, em movimentos lentos e marcados, derrubam o muro. Uma cortina de fumaça invade o palco e os sons das máquinas têm ritmo e vibração. Os homens fazem a mudança de cenário, levam os objetos do quintal nos carrinhos de mão e trazem os objetos do novo ambiente. A luz vai e volta. Os homens e a máquina saem. A música continua e faz a passagem para o próximo ato.

FIM DO 1º ATO - 1º QUADRO

SEGUNDO ATO - QUADRO 1

Seis anos depois. A música EM OBRAS continua. A luz abre no quarto de Mateus, agora com 18 anos, no apartamento dos pais no Paraíso, com livros empilhados numa mesa, cadeiras, um teclado, guitarras, bateria, atabaques, caixas de som e, num canto, o mesmo violão escuro e velho do quintal. No fundo, uma grande janela aberta com a paisagem da cidade vista do alto do prédio.

MATEUS: *(olha pela janela, grita abismado)* Cadê o quintal do Paraíso que estava ali?
(acento musical; fecha a janela)

A música EM OBRAS cessa bruscamente no mesmo momento em que ele fecha a janela. Mateus senta diante do teclado, tenta tocar, levanta e anda ansioso de um lado ao outro do quarto.

MATEUS: *(impaciente)* Sons artificiais... Minhas mãos... Me sinto acuado como um bicho nesse apartamento. *(num sobressalto)* Lh, caramba, a produtora da MBTV vem conhecer a banda hoje no ensaio. Como vou falar isso pro pessoal da banda sem criar ilusão? E o repertório? Que caminho seguir? Se pudesse com a música mudar um tantinho só na vida das pessoas. É isso que vou dizer à banda. Gosto de cantar o amor, as pessoas gostam. Mas a vida é só falar de amor? *(olha o violão)* É você, violão, que gosta que eu fale de amor, que eu não fique em silêncio, não é? É o Shakespeare e você, violão, que me fazem falar de amor. *(pega o violão, senta numa cadeira, canta e toca a canção UMA PALAVRA)*

Espero até o fim do mundo,
Não tenho mais tempo a perder.
A essência do meu desejo é apenas a sombra de um sonho
E o meu sonho é hoje te ver. *(bis)*

(refrão) Quem tem vida e amor sempre espera.
Por isso eu fico a te esperar.
Não sei se é realidade ou se é quimera.
Canto para dizer que viver é te amar. *(bis)*

Sua demora em dizer sim é uma recusa?
Ou é o seu jeito tímido de me querer?
Mas você quando quer me beija e me usa,
Entre nós as coisas devem ser o que podem ser?
Não sei mais viver sem a poesia,
Nem sei mais onde tenho um amigo.
Volta logo, minha estrela guia,
A vida é um erro se não tenho você comigo.

(fala quase canto, na pulsação da música)

Mesmo que eu seja somente um poeta sem jeito,
Você quer o mundo e o mundo é uma palavra, simplesmente.
De que vale tudo isso se onde não há prazer não há proveito.
Eu te darei o céu se você me quiser totalmente.

Entram André, Marcos, Renata e Rosana, 17 anos, com livros, mochilas, capas e estojos com instrumentos musicais. Mateus canta sem perceber a chegada deles.

Se falo de amor a qualquer hora até ficar rouco,
De noite ou de dia, eu falo sempre o que penso.
Dou meus ouvidos a todos, mas a voz dou a poucos:
Você é música, dança e harmonia, o resto é silêncio.

(todos aplaudem e Mateus para de cantar)

MATEUS: *(assustado)* Ih, chegaram há muito tempo? *(cumprimenta todos, que se espalham pelo quarto)*

RENATA: *(olha nos olhos dele, se beijam na boca)* Você tocando é encantado. Saem estrelinhas dos seus dedos.

ROSANA: Divino! Você é mesmo um cara encantado quando toca esse violãozinho.

MARCOS: Saiu agora, meu? Ô mano inspirado!

ANDRÉ: Já é o toque final, cara?

MATEUS: Não sei. São umas coisas de amor do Shakespeare que misturei com uns sentimentos meus e joguei pro violão... *(feliz, murmura para si)* Ah, “violãozinho véio”.

MARCOS: E aí, mano, seus pais viajaram de novo?

MATEUS: Meus pais ficam no Rio uns quinze dias. *(num sobressalto)* Olha, tem uma coisa importante... *(todos retiram os instrumentos das capas, se ajeitam para o ensaio; conversam enquanto arrumam, afinam e preparam os instrumentos)*

ANDRÉ: *(interrompe)* É mesmo? Ô encantado, que onda é essa de.... Como é mesmo a frase? Ah, lembrei. “Você é música, dança e harmonia, o resto é silêncio”. Muito bom isso, Mateus. Opa, meu, é a frase do violão!

MATEUS: É a frase nesse violão do quintal do Paraíso, André. Lembra? Descobri que “o resto é silêncio” é do Shakespeare, do Hamlet. Aí peguei pra brincar com outros pensamentos do Shakespeare e meus e deu no esboço que ouviram. Tô mexendo ainda. Tá legal?

MARCOS: Legal? Legal é pouco. Tá do caramba, mano! Tem refrão o bagulho aí, meu?

MATEUS: Tem. *(toca e canta)*
Quem tem vida e amor sempre espera,
Por isso eu fico a te esperar.
Não sei se é realidade ou quimera
Canto para dizer que viver é te amar.

MARCOS: *(vibra)* Demais, véio! Vamos colocar um solo nisso, meu! Esse refrão cola na orelha.

ANDRÉ: Que letra inspirada, cara!

ROSANA: “Quem ama sempre espera”. Que ideia divina, Mateus! Já me senti assim.

MATEUS: Não é isso que acontece? Esse refrão ainda vou mexer, não está do jeito que eu quero. *(põe o violão num canto)* Agora é sério, gente...

ANDRÉ: *(interrompe)* Pera aí, Mateus, dá um tempo! Vamos manter a tradição da banda de um de nós mostrar uma música e o outro mostrar a sua, certo, mano? Mas eu não passo nem perto de você nessa coisa de falar de amor em poesia e música. Queria saber falar de amor assim como você. Musiquei um verso ontem... Mas é esboço ainda, tem um pedacinho só, cara. *(senta diante do teclado, toca e canta)*
CIÚME, bossa nova)

Pra que ficar tão sumida de mim,
Tão difícil assim?
Faz que não me vê na rua,
Por que me olha tão tímida?
Essa canção é sua,
A flor morena mais linda,
A lua, morena lua. *(bis)*

ANDRÉ: *(canta o bis e para; sem jeito)* Ainda não acabei e é só um trecho. Ah, caramba, sempre fico nervoso e “tremo nas bases” quando canto pra vocês.

ROSANA: Qual é a sua, André?

MATEUS: Que bobeira! Levada incrível de bossa nova, André.

RENATA: Fica nervoso de bobeira. Sabe que a gente gosta do seu jeito de tocar e cantar.

ROSANA: “Lua, morena lua”! Olha o que os caras falam quando tão apaixonados. *(ri)*

MARCOS: Beleza, mano. *(cantarola)* “Pra que ficar tão sumida de mim, tão difícil assim?”

ROSANA: Homem diz cada uma quando se liga na mina. Um dia o cara, com “quintas intenções”, falou assim pra mim na cara dura: *(imita)* “aí, mina de ouro, “menina de ouro”, sabia que você é uma princesinha de cristal?” *(riem)* Assim, na lata! Homem quando começa com esses papos, não é, Renata?

RENATA: *(distante)* É. Não sei. Como saber se o papo do cara é sincero?

ROSANA: A gente percebe e sente quando tem “décimas intenções” ou é sincero.

MATEUS: Olha só, vocês dizem que aquela letra que cantei está legal, é inspirada e tal, mas não me convenço em dizer e cantar só isso. Tá, tudo bem, eu falo e canto o que sinto e o que sei. *(se exalta)* Mão não estou nessa de só falar de amor. Quero e preciso saber mais coisas da vida e aí sim posso dizer e cantar outras coisas. *(pausa)* É o seguinte: rolou um negócio aí ontem. Na boa, o papo é sério.

MARCOS: É viagem pro Rio? Deve ser troço chapa quente.

ANDRÉ: É um “rolezinho” pelo interior ou vamos tocar em Floripa? Recife?

MATEUS: O papo é profundo e vamos ter que tomar uma decisão hoje, agora, já.

MARCOS: Profundo? Ih, já vi que o bagulho é bom.

ROSANA: Senti firmeza na parada da “decisão hoje, agora, já”.

RENATA: Conta aí o que rolou ontem, Mateus.

MATEUS: Vai mexer com a gente. Vou dizer sem “mumunha”. *(respira, decidido)* Seguinte: ontem me ligou uma produtora da MBTV que quer conhecer a banda e vai pintar hoje aqui no ensaio pra conhecer a gente e ouvir o nosso som. *(todos se agitam)*

ROSANA: *(vibra)* Da MBTV? Não acredito! Hoje?

RENATA: Ela vem gravar ou é só um papo.

MATEUS: Sim, hoje. Ela disse que queria conhecer a gente e aí eu disse pra ela pintar no ensaio, que é quando a gente se junta e toca. Ela topou aparecer no ensaio para ver qual é a nossa.

ROSANA: Então a gente tem que dar uma geral no quarto. Que “responça” a nossa! Caramba! É a MBTV! *(arrumam os livros na mesa; cada um do seu jeito, se arruma, prepara o seu espaço e afina seu instrumento)*

MATEUS: Maior “responso”. Mas prestem atenção numa coisa. (*todos escutam atentos*) Não é porque é a MBTV que vamos mudar nosso jeito de tocar e cantar. O que interessa é nosso som. Ela vai conhecer a gente como a gente é, ver um ensaio nosso como é um ensaio nosso e pronto. É tocar bem o que vem de dentro, o que a gente sabe tocar, não é isso?

RENATA: Tá certo. Ela falou mais alguma coisa? Como soube da gente?

MATEUS: Disse que quer muito ouvir a banda ao vivo. Um cara amigo dela, produtor de *cast*, gostou do som que fizemos na festa de formatura da escola da filha dele. Aí esse cara indicou. Ela topou conhecer a banda aqui em casa hoje às cinco. Tem um monte de coisas que a gente precisa conversar antes. Não podemos virar mais uma bandinha de garotos e garotas bonitas para vender chiclete e sanduíche. E sem essa de fazer letrinha de amor pra entrar em trilha de novela. Tô fora!

MARCOS: Qual é, mano? Qual a sua treta de não querer faturar com o nosso som? Ô Mateus, não leva a mal não, truta, mas o meu irmãozinho tá querendo dizer que não quer fazer sucesso? Não quer ver a nossa música “bombando” nas paradas?

MATEUS: Não podemos ser mais uma bandinha que passa sem deixar rastro, Marcos. É marcar presença, ser diferente, provocar, ficar na vida das pessoas. E se ela rotular a gente como bandinha de *rock “emo”*, baladinha romântica? Visual agressivo, tatuagens de caveira e letrinhas de amor babacas. Uma atitude “rebelde”, atitude *rock* no visual e outra atitude na letra da música, na arte mesmo... Sacaram? Por isso não quero mais fazer letra de amor.

ANDRÉ: Não entendi esse negócio de não querer mais falar de amor.

ROSANA: Também não. Você não diz na letra aí, como é? (*cantarola*) “Se falo de amor a qualquer hora até ficar rouco, de noite ou de dia eu falo sempre o que penso”. Qual é?

MATEUS: Não é isso, Rosana. Essa música saiu de repente, inspiração, intuição artística, sei lá... Sabe qual é? Quero falar de outras coisas que penso e outras coisas que ainda quero conhecer. E não quero falar só de mim, mas de todo mundo, a todo mundo. Preciso aprender outras coisas para falar. (*olha Renata*) O mundo é só amor? A gente nasce, vive e morre só por causa do amor? A vida é feita só de saudade de alguém ou da espera de alguém que vai chegar, do amor que sempre há de vir? Música pra mim é mais que isso.

ROSANA: Mas a gente não é fruto de um ato de amor?

MATEUS: Não sei se é piração minha, mas acho que não tem mais amor no mundo.

ANDRÉ: Como é que pode falar isso e fazer uma letra daquelas?

ROSANA: Então, se o amor morreu, porque o coração da gente bate forte e sente um troço quando vê alguém? *(pausa; todos se olham)*

MATEUS: Não disse que o amor morreu. Olha, vou mostrar uma coisa simples. *(abre a janela e começa a “sinfonia urbana” EM OBRAS; grita)* Como ter amor no caos? Olhem isso! *(vão à janela; grita)* Todos caminham, ninguém se olha. Multidão de corpos sem rostos. Como ter amor na selva de pedra e cimento? Como ter amor num lugar sem horizonte, sem passarinho, sem quintal, sem cheiro de vida? Horizontes de concreto e asfalto... *(a música cresce; fecha a janela bruscamente e a música some no mesmo instante; todos sentam, silêncio)*

RENATA: *(murmura, baixinho)* Como ter amor no caos?

MATEUS: Como tocar os corações e mentes das pessoas com outra coisa que não seja a historinha particular de amor? Pode até ser que o amor não morreu... Mas se não morreu, o amor está perdido.

MARCOS: Como assim, perdido? Que outra coisa toca as pessoas? Diz aí, o que?

ROSANA: Mas a historinha de amor particular aí que você falou é o que interessa, Mateus.

ANDRÉ: As pessoas querem ouvir uma coisa que elas se vejam naquilo.

RENATA: Eu entendi o que o Mateus quer dizer. Falar de amor todo mundo fala. Do que a gente quer falar e ninguém fala? Dizer coisas diferentes.

MATEUS: Do que a gente quer falar? Como falar? As pessoas querem ouvir outras coisas. Da podridão da política, a miséria. E a gente falando de saudade, flor, rimando amor com dor?

ANDRÉ: Tudo bem, Mateus, sei que o meu samba não é lá essas coisas...

MATEUS: Não é isso, André. Nem falo da sua música, que tem o seu jeito. Incrível samba o seu, meu irmão. Mas sinto que podemos ser radicais na nossa atitude musical, tipo revolucionários mesmo, de transformar a cena com a nossa música e chegar mais junto das coisas que o povo precisa com o nosso som.

MARCOS: É sério, mano? Ou é zoeira? Pensa que o povo quer ouvir música “revolucionária”? “Protesto”? Qual é, Mateus? Coisa anos 60, meu. Pobreza o povo já conhece. Quer mesmo é “melação” de amor, mano. Aí, é sério, meu, não consigo entender seus procedimentos.

MATEUS: Tudo bem, Marcos, mas não é isso de cantar coisinhas de amor que a gente tem que fazer porque é ondinha babaca da TV. “Melação”, “bunda music”, sacou a parada? É isso que os caras querem enfiar na goela do povo todo dia na TV e no rádio.

As pessoas também querem ouvir o que não conhecem. A transa da música é nosso ideal, a causa da gente.

MARCOS: Tá certo, mano. Se o que você quer dizer é que o nosso som é a nossa causa, aí tá certo, tudo bem, agora até entendo os seus argumentos.

MATEUS: *(abraça Marcos)* Boa, Marcos, meu irmão. “O nosso som é a nossa causa”. Inspirador isso que falou, cara. É isso aí mesmo que eu queria dizer e você sacou qual é a parada numa frase. A banda tem que ser reconhecida é pelo nosso som, pela nossa causa.

ROSANA: As ideias do professor Luís de Filosofia e Sociologia fizeram a nossa cabeça. O cara dizia, com aquele seu “olhar sociológico”, que a gente era uma geração perdida, sem causa, sem ideal, sem nada. Que só quer consumir.

RENATA: E não é verdade? Além da TV que estimula a gente a comprar, ainda tem a influência dos pais nisso de ser consumista. É o que rola lá em casa com meus pais sempre me empurrando roupas, badulaques e presentinhos caros para me convencer de alguma coisa. É tipo uma chantagem. Se eu fizer o que eles querem, que é estudar e passar no vestibular pra Medicina, prometem que me compram o carro que eu quiser, roupa cara, viagem e me dão tudo que eu quiser. Se eu pensar ou disser que quero ser atriz ou cantora, por exemplo, ou outra coisa que não seja a Medicina, nada, nenhum tostão para nada.

ROSANA: Meus pais não me estimulam a ser consumista. São mãos-de-vaca com grana. Lembram ano passado quando até fiz uma música inspirada num cara riquinho babaca que dava em cima de mim? Um babaca que pensava que ia me ganhar fácil com presentinhos.

MATEUS: *(cantarola)* “*The life is Nike, ai, ai, ai*”. “*The life is Nike, why, why, why...*”
(riem)

RENATA: *(rindo)* Como se esquecer do “doce”.

MARCOS: *(completa)* Com *Red Bull...* *(riem muito)*

ROSANA: Putz, que loucura! O cara era “gatésimo”, as minas caídas por ele na balada. O cara copiava e comprava tudo que aparecia na TV, dizia que queria ficar na “onda”, na “moda”, ser “moderno”, “descolado”, igual ator de TV, modelo de comercial, o verdadeiro e autêntico alienado babaca “vidiota” *(pega o violão e canta sozinha a canção VIDIOTA)*

*Happy hour com meu Rolex,
Iphone, tablet, ipad,
Home-service no flat,
Cheeseburger Mac*

Com *picles e ketchup*,
The life is Nike, ai, ai, ai... (*why, why, why...*)
God save the fast food! (*bis*)

Não sai do *whatsApp*,
Na balada *clubber*,
“Doce” com *Red Bull*,
Home theater, 3D led smart TV.
God save the junkie food,
The world is in 4G, why, why, why... (*ai, ai, ai...*)
God save the Facebook! (*bis; cessa a música; aplaudem e riem*)

MATEUS: Você captou tudo nessa música. Demais, Rosana!

ROSANA: “Geração vidiota”!

RENATA: Totalmente idiotizada pela TV.

MATEUS: O “vidiota”, às vezes ele escrevia “videota”, é o idiota que acha que a vida se resume num comercial de trinta segundos ou numa frase curta de efeito na TV. É o imbecil que só acredita no que passa na TV e copia todos os *slogans*.

RENATA: O professor tem razão. Só cópia e imitação, não se cria nada. O que nossa geração é?

MATEUS: (*exaltado*) Um bando de “vidiotas” e digo mais, uma “geração vidiota” e “vira-lata”, que não cria nada, só copia e imita e ainda aceita com o rabo entre as pernas o que vem de fora. Somos uns imbecis vira-latas “vidiotas”, isso sim, sem causa nenhuma para defender. A gente tem que colocar o nosso ideal na nossa música. Entendeu, Marcos?

MARCOS: Claro que entendi, mano. Mas eu não falo de *bunda music* não. Aí você foi longe demais nos procedimentos. Sabe que essa não é minha parada. Tudo bem, eu entendia isso aí do professor de Filosofia sim, de a gente ter uma causa de luta e tal, certo, mano? Eu ficava ligado em tudo que o professor Luís falava.

ANDRÉ: E quando ele dizia que a gente tinha que aprender a pensar com as duas cabeças, a de cima e a de baixo? (*riem; imita*) “Como seres pensantes, vocês devem dar um tempo com a cabeça de baixo e pensar também com a cabeça de cima”. (*riem*)

MATEUS: Lembram daquela música que fiz? Eu mostrei na aula dele. O professor se amarrou e a turma se ligou rapidinho no que ele queria dizer. (*canta o reggae RABO DE SAIA no violão, os três músicos o acompanham e os amigos cantam com ele*)

Tá nos livros de Filosofia
Que a vida é ação, reflexão, não é só prazer,
É o pensamento nosso de cada dia
Que faz da gente um ser. *(bis)*

Rabo de saia, sossega o facho!
Põe a cabeça de cima pra pensar,
Que é hora da cabeça de baixo se aquietar. *(bis)*
(depois do bis, a música termina; riem; Mateus encosta o violão)

MARCOS: *(rindo)* A molecada no maior veneno, subindo nas paredes, com a cabeça de baixo a mil e ele vinha com essa de pensar com a cabeça de cima.

ANDRÉ: E quando a gente chegava pra aula com olheiras? Ele chamava de “justiceiro”. *(imita)* “Ei, justiceiro, o negócio tá brabo! Fazer justiça com as próprias mãos até tarde da noite dá nisso. Vem pra aula com olheiras”. Todo mundo rachava o bico.

MARCOS: *(ri)* Ele falava um bagulho de “descabelar o palhaço”, “descascar a mandioca”. *(riem)* Falava que a nossa turma só tinha esportista medalhista campeão de “mandioquismo”. Que eu era campeão mundial dos duzentos metros rasos em “mandioquismo”. *(riem mais)*

MATEUS: *(ri)* Ensinava na brincadeira, por isso era educador, um mestre na arte de ensinar. Rousseau, Nietzsche e Darcy Ribeiro me abriram a cabeça. Aprendi a gostar do Shakespeare com o Luís. Foi um dia que ele disse que é pela poesia e não pela história e a economia, é através dos poetas e não dos historiadores e economistas, que a história do homem e do seu tempo é melhor compreendida. Tem coisas do Nietzsche que ele dizia, “o encantamento é um dos pressupostos de toda arte”, “a vida sem a música seria um erro”. Coincidência da vida ter lido essa frase do Nietzsche nesse violão velho lá na minha infância no quintal. Que loucura isso! Quando toco e canto procuro esse encantamento. Tanta coisa para dizer com a música além de amor, vários jeitos de encantar os corações e as mentes. A banda deve pensar nisso: “a vida sem a música seria um erro”.

ROSANA: Isso é verdade mesmo. Como é que seria o mundo sem som, sem música?

MARCOS: Não dá nem para imaginar isso, mina.

ANDRÉ: O que interessa pra banda é a música, Mateus. Todo mundo concorda nisso.

MARCOS: Sabe qual é? A gente tem que se unir nos procedimentos, fazer um som da pesada e detonar geral. *(animado, pega o berimbau, toca BERIMBLUES, instrumental; os músicos e os outros o acompanham com guitarra, André, e gaita, Mateus; “fala quase canto” na pulsação do blues)* – “É nóiz! Nosso som é nossa causa! Som pra “bombar”! O “couro vai comer”! O mundo vai vibrar! A gente tem que acontecer. Todo

mundo nasce para brilhar, ninguém nasce para sofrer. “É nóiz”! (*continuam tocando e improvisando por um tempo*)

MATEUS: Que loucura *blues* com berimbau!

MARCOS: (*fecha a música*) A banda devia se chamar *Berimblues!*

RENATA: *Berimblues* tem a ver com nosso som, Marcos.

ROSANA: *Berimblues!*

ANDRÉ: Muito bom!

MATEUS: (*empolgado*) Nosso som é “*berimblues*”. Não vamos dar mole pra produtora. Se vier com papo de fabricar e rotular a gente como fazem com as bandas, com baladinha e *rock* copiado, cai fora. Tá combinado, a gente não ensaia e espera a produtora. Não vamos ser o que querem que a gente seja. Pro “escambau”, MBTV! Tem que aceitar nosso som. Tá na hora de cada um pensar no que quer dizer. Aqui na banda, cada um não vive na pressão e quer cantar outras coisas? E você, Renata, já resolveu o caso do vestibular com seu pai?

RENATA: Já conversei. Tá decidido. Eu não quero e não vou fazer Medicina, mesmo com toda a chantagem de grana e a pressão dos meus pais.

MATEUS: Pensa direito que é sério. Tão vendo aí? Olha a pressão na cabeça de uma garota de dezessete anos que é obrigada a decidir uma coisa pra sua vida inteira com essa idade.

RENATA: Eu sei que é sério, Mateus. A Medicina é um desejo do meu pai. Você sabe, não é, Mateus? Família de médicos e eu no meio dessa confusão. (*suspira*) Que barra!

ANDRÉ: Tem que ver o que você quer. Não adiante fazer Medicina na marra e na pressão e no final descobrir que não tem nada a ver contigo.

MATEUS: Tem pais que não percebem que ninguém tem a obrigação de saber o que quer ser na vida com dezesseis, dezessete ou dezoito anos e aí fazem a maior pressão.

ANDRÉ: “Na pressão”, olha aí outro nome bom pra banda que tem a ver com o momento da gente. É a nossa cara. (*pausa*) Desde moleque eu já sabia que queria ser músico.

MATEUS: Mas seus pais são diferentes. São de teatro e você cresceu nas coxias.

ANDRÉ: É, mas eles dizem que ser artista no Brasil não é fácil. Tem que ralar muito, correr atrás de grana. No tempo de sucesso deles, as coisas não eram tão caras e

dava para fazer temporadas longas. Quem consegue hoje fazer uma temporada de quatro meses num teatro, com casa cheia de quinta a domingo?

ROSANA: A gente não tem a obrigação de saber o que quer ser na vida com dezessete anos.

RENATA: Não dá para aguentar tanta pressão com essa obrigação de fazer vestibular.

ANDRÉ: Tem que dar um tempo pra pessoa perceber o que quer seguir e ser na vida.

ROSANA: Desde pequenos na escola, acabamos o colegial e já vamos encarar o vestibular?

RENATA: O nosso terceiro ano foi praticamente preparatório do vestibular. Queria um tempo para pensar, viajar, descobrir as coisas sem essa baita pressão dos meus pais.

ANDRÉ: Do que adianta estudar tanto e não ter tempo para descobrir o que fazer com o conhecimento e que caminho seguir? Diz o que faço agora com a tabela periódica? (*riem*)

ROSANA: E as equações do 2º grau?

MATEUS: E os núclídeos radioativos e seus compostos?

MARCOS: E a função antitrigonométrica?

RENATA: E a função co-tangente hiperbólica?

ANDRÉ: E as propriedades físicas, óticas e elétricas dos colóides?

ROSANA: E a prófase, a metáfase, a anáfase e a telófase?

RENATA: As paredes celulares pectocelulósicas? (*gargalham*)

MATEUS: Aí entra o professor Luís na nossa vida e a gente não esquece, porque provocava a pensar, não decorar, conhecer, argumentar, não ver as coisas pela aparência, ser inquieto, ousado e curioso. O grande livro do mundo está na nossa frente pra gente ler, ver e viver.

MARCOS: Não me vejo fazendo nada que não seja tocar. Desde moleque batucava nas ruas lá no Brás. Ser *office-boy*? Tô fora. A coisa tá braba em casa, mas confio no meu taco.

RENATA: Tem que gostar muito de fazer música e cantar, senão não segura a onda.

MARCOS: Meu pai fala pra cuidar da cabeça e a neura dele é eu me envolver com coisa errada.

RENATA: Que coisa errada?

MARCOS: Tipo droga, por exemplo.

ROSANA: Ih, eu sei bem o que é isso.

MARCOS: Pro coroa, músico e artista é tudo doidão, fuma maconha e cheira cocaína. Vê os caras na TV com brinco, cara de doidão, roupa maluca e acha que músico e artista é gay ou viciado. Quando o velho viu no quarto a foto do Bob Marley com o baseado na boca, teve um troço. Maior sufoco para explicar que era da música do cara que eu gostava. Minha mãe revistou meu quarto e a casa inteira e jurei que estava limpo com a onda de droga.

ROSANA: Em casa a neura também é com droga. Minha mãe quer que eu faça Psicologia. Diz que Cazuzza, Jim Morrison, Renato Russo, Hendrix, Janis Joplin, Kurt Cobain, Elis Regina, Cássia Eller, Amy, morreram cedo e são exemplos de vida que não podem ser seguidos.

RENATA: O mais importante é a obra que o cara deixa, isso sim. Por que a gente quando ouve o Raul, a Elis, a Cássia ou canta as músicas do Cazuzza elas ainda tocam fundo na gente?

ANDRÉ: A obra do cara tá viva. Morre o artista, mas o que ele fez fica pra sempre.

MATEUS: Esse papo de paraíso artificial, de ficar louco para compor, estou fora. A gente já tem uma luz e não precisa de nada para brilhar. A arte já não é uma droga? Um êxtase? Uma transcendência? Expansão da consciência? A intuição e a imaginação são minhas drogas.

: É isso que sinto quando canto. Como se fosse um vinho, uma droga. Parece que entro em outro mundo. Não sei se consigo viver sem isso. Cantar é uma necessidade pra mim.

ROSANA: Mas você não quer fazer Medicina mesmo, Renata?

RENATA: Até poderia fazer Medicina. Se estudar eu passo no vestibular. *(feliz)* Mas minha vida é cantar. Sinto alegria quando venho ensaiar. É a coisa mais maravilhosa que faço na vida. E nosso primeiro ensaio? O Mateus era formado e chamou a gente do segundo ano pra banda. Desde o primeiro ensaio, quando canto, sinto o encantamento que o Mateus falou.

MATEUS: Aquele dia no clube em Santana você parecia uma diva no palco.

MARCOS: Uma estrela.

ANDRÉ: E os caras babando na beira do palco.

ROSANA: (*sorri*) Que coisa boa te ouvir falar do seu dom de cantar. Vou entrar de cabeça na música e mesmo que falem de drogas, meus pais um dia vão aceitar a ideia.

RENATA: Pai e mãe sempre acham que os filhos vão passar fome ou estão morrendo de frio, sede e fome. Meu pai diz que músico vive sem grana, na maior barra pesada e não tem garantia de nada na vida. Ele diz que músico não é profissão, é *hobby*.

ANDRÉ: É que ele não sabe o trabalho que é ensaiar todo dia.

MATEUS: Compôr, estudar, encontrar a palavra certa, o ritmo, a harmonia.

ROSANA: Eu acredito nesse negócio de dom para as coisas. Não me imagino atendendo um paciente num consultório com divã e tudo. Não tenho dom pra isso.

RENATA: Nem eu me vejo fazendo uma cirurgia.

MATEUS: A gente pode até nascer com um dom, uma virtude, uma vocação para fazer alguma coisa, mas não adianta nascer com dom e não fazer nada para desenvolver esse dom.

ANDRÉ: O dom pode estar numa coisa simples que a gente nem percebe. Descobri que queria ser artista quando via meus pais fazendo personagens. Achava incrível eles serem quem quisessem. Meu pai diz que o ator tem várias almas dentro dele, o que ele faz é dar vida às almas no palco. Incrível! O Marcos descobriu que seria baterista batucando nas coisas.

ROSANA: Eu descobri que a música era o que eu queria fazer na vida quando ouvi um disco vinil do *Pink Floyd* do meu irmão, o LP preto com o triângulo na capa.

ANDRÉ: *The dark side of the moon*. O disco inteiro é uma viagem.

ROSANA: Cara, que loucura aquilo, aqueles sons diferentes. Uma viagem.

RENATA: E eu descobri quando vi a reprise do programa *Ensaio* da TV Cultura com a Elis Regina cantando *Águas de Março*. (*a luz cai no palco; desce uma tela branca na janela no fundo, onde são projetadas as imagens do programa; todos ouvem Elis cantar por um tempo; as imagens somem, a luz volta no palco*) A energia dessa mulher, o sorriso ao cantar. Foi aí, com dez anos, que pensei que era aquilo que queria fazer na vida, cantar. Ela foi minha inspiração, mas daí a cantar igual a ela, ainda preciso de muito chão. Como é que a gente vive e sobrevive fazendo o que gosta? Sem grana não dá para fazer nada.

MARCOS: Depende muito esse bagulho aí, Renata, de viver sem grana e coisa e tal.

ANDRÉ: Depende do quê, cara?

MARCOS: Do cara ir para as cabeças com o seu som, por exemplo. Colocar a “sonzeira” na TV para grudar na orelha dos manos e das minas. Se todo mundo compra o som, a gente tá feito. Quem sabe essa produtora não é a nossa oportunidade de ganhar uma grana boa?

ANDRÉ: O que você tá dizendo? Então, acha que é fácil ganhar grana assim? Vamos ver qual é a dela primeiro. A banda não pode se vender e se entregar assim não.

MARCOS: Não é se vender, mano. Não é que é fácil. O negócio é fazer música que gruda no ouvido, isso sim. Viu o refrão do Mateus como gruda? E o trecho do seu samba então? Vai que a mina da MBTV gosta e investe na parada? Pronto, tai a nossa oportunidade. *(ri)*

ROSANA: Já pensou a música tocando no rádio toda hora e passando o *clipe* na MBTV?

ANDRÉ: Não sei se é isso que o Mateus quer não. A banda tem outra cara, não sei...

MARCOS: Qual é a tua, André? *(irônico)* Já sei, quer fazer “biscoito fino pra massa”. *(ri)*

ANDRÉ: *(exaltado)* Não é nada disso. Só não quero fazer porcaria pra tocar no rádio um som de merda. Não é porque toca no rádio ou passa na MBTV que é bom.

ROSANA: A gente tem que ser uma banda conhecida e ganhar grana com música.

ANDRÉ: Mas também não pode fazer qualquer coisa.

MARCOS: Eu não disse “fazer qualquer coisa”. Eu tô dizendo que...

MATEUS: *(interrompe)* A gente precisa definir as coisas, mas não agora. Quando a produtora chegar, nós vamos tocar igual ao que fazemos nos ensaios e *shows*, combinado? *(todos concordam)* Então, tudo bem. Todo mundo concorda e é isso que a gente vai fazer.

ROSANA: É hora dela chegar? *(olha o relógio)* Caramba, são quatro e meia. Ai, que sinto um calafrio na espinha. Gostei do nome “Na pressão” pra banda, André. Tem o nosso jeito.

Todos sentam e esperam. Começa o maxixe NA PRESSÃO, instrumental, tocado pelos músicos. A luz vai e volta sobre o grupo sentado, como se o tempo de espera durasse dias. Quando a luz abre, os atores estão sentados ou deitados de forma diferente. A música, ora lenta, ora acelerada, faz a passagem para o próximo quadro.

FIM DO 2º ATO - 1º QUADRO

QUADRO 2

Todos permanecem sentados ou deitados, como se os dias tivessem passado durante a espera. O maxixe some e a luz abre sobre o grupo espalhado pelo quarto.

RENATA: *(levanta, decidida)* Já são três dias de ensaio que a gente perde esperando a tal da produtora. É hora de tocar o barco e deixar rolar. Desencana, Mateus. Vamos improvisar uma letra com aquele samba do André.

MATEUS: *(animado)* “Simbora” fazer um som. *(todos levantam e pegam os instrumentos)*

RENATA: Tô louca de vontade de cantar um samba.

ROSANA: *(levanta)* Putz! São seis horas! A produtora vem ou não vem hoje, Mateus?

MATEUS: Olha, nem sei o que dizer, Rosana. Vamos fazer o que a Renata falou aí.

ANDRÉ: *(agitado)* Tenho uma melodia pro final daquela frase “o resto é silêncio”.

MATEUS: *(pega o violão)* O blues com berimbau, gaita e guitarra do Marcos merece uma letra da pesada, com pulsação de capoeira de angola. *Berimblues*. Gostei disso, Marcos. *(ri)* André, vai aí o samba, devagar. *(André toca CIÚME no teclado, Mateus, violão, Rosana, baixo, Marcos, percussão)*

RENATA: *(fecha os olhos, samba e murmura, sorrindo)* Que gostosa essa levada, André! *(vibra)* Essa é a minha droga! É disso que sei viver. É a comida que mata a minha fome de viver e alivia a pressão e a barra de todo dia.

ANDRÉ: *(fala na pulsação do samba; brinca e ri)* Esse samba vai pro Mateus e o Marcos, meus irmãos de fato, pra Rosana, menina da breca e muito bacana, e pra Renata... Que pede uma rima com lua de prata e serenata. Ser Renata. É contigo, Renata. *(todos riem, Renata canta os versos primeiro sozinha e todos cantam o bis)*

Pra que ficar tão sumida de mim,
Tão difícil assim?
Faz que não me vê na rua,
Por que me olha tão tímida?
Essa canção é sua,
A flor morena mais linda,
A lua morena lua! *(bis)*

Toca a campainha, insistente. Mateus abre a porta, entra a produtora Marina Carlsson Picardelli, agitada, vestida de preto à maneira “fashion chic” da rua Oscar Freire e/ou dos brechós de Pinheiros e da rua Augusta, jeans ou minissaia, blusa ou vestido

decotado, sapato, óculos e acessórios “modernos e descolados”. Todos continuam tocando e cantando o samba.

MARINA CARLSSON: *(agitada)* Hello, crazy people! Marina Carlsson Picardelli.

MATEUS: E aí, Marina? *(os outros continuam o samba enquanto os dois conversam)*

MARINA: Ah, então é o Mateus, o líder da banda de *rock*. Como é mesmo o nome? Ah, não interessa, nome a gente cria e inventa. O nome de uma banda é o conceito dela, entendeu?

MATEUS: *(sem jeito)* Não é uma banda de *rock*... *(toca o celular dela e interrompe)*

MARINA: *(ao telefone, nervosa)* Sim! Yes, baby! *(pausa)* Sei. *(alto)* Manda editar o material gravado com os Paralelogramos do Progresso. O quê? *(grita)* Não tô te ouvindo, Rapé! Dá um tempo aí! *(a Mateus e aos outros; alterada)* Ô rapaziada! Dá pra parar o sambinha aí? *(os outros param)* Não me leve a mal, mas estou no meio da produção do *show* dos Paralelogramos do Progresso, caramba. Com o sambinha mequetrefe de boteco aí não dá pra ouvir nada. *(param o samba, com muxoxos e sentam; alto)* Continua, Rapé! *(pausa)* No estúdio 2. Tchau, baby! *(desliga, nervosa)* Como pode um *staff* gigantesco e ninguém resolve nada na MBTV. *(alto)* Ô Music Brazil Television! Ô emebêtevê, põe essa m... *(para; alto)* Ô emebêtevê, põe essa droga pra funcionar!

MATEUS: Não deve ser fácil, Marina, a pauleira...

MARINA: *(interrompe)* Olha, baby, não posso perder tempo. No *show business, time is money!* Vou logo dizer uma coisa de cara, na lata. Até pensei que estava no lugar errado quando ouvi. *(nervosa)* Sambinha não dá! Sambinha, no, no, no! Música de garota de biquini, mar, lua, onda, só *surf music*, sacou? Sambinha? *(histérica)* No, no, no, baby! Já pensou isso na programação do verão MBTV? *(cantarola, irônica, altera a letra do samba)* “Pra que ficar tão sumida assim, pimpim. Tão difícil assim, dim dim. Faz que não me vê na tua, lua, rua. Me olha tão fingida, tingida... Esse refrão tá na rua, meu amor, minha flor, minha morena linda. Minha lua morena nua na lua na tua rua” *(muda de tom)* Stop, my friends! Paciência! Pagodinho “mela cueca” não, baby. Bossa nova? New bossa? Never, baby! Nem sambinha tipo “vai patinho, quá quá, quem quem, vai marreco, reco, reco, tim tim, qué qué, tim tim, quá, quá... vai ganso...” Stop, my friends! Sambinha? Bossa nova? Pagodinho? No, no, no!

ANDRÉ: *(alterado)* Ei, mina, qual é a tua?

MARCOS: *(nervoso)* Ô, não pode dizer isso aí da música do cara não...

ROSANA: *(interrompe)* Sossega aí, gente, vamos com calma.

RENATA: Ei, Mateus, o que é que tá rolando?

MATEUS: É o seguinte: ela é a produtora da MBTV que falei.

MARINA: (*acena a todos, agitada*) Prazer, Marina Carlsson Picardelli, atriz e produtora da MBTV. Soube pelo Nazareno Cariri, um amigo meu produtor de cinema e de *cast* pra publicidade, que vocês são talentosos, bonitos e coisa e tal. Foi na festa de formatura do ensino médio da filha que ele ouviu e viu vocês enlouquecendo a galera de adolescentes com o *show*. Me ligou alucinado no dia seguinte e disse que a banda tem o que eu curto demais, “*vídeo-appeal*”, imagem boa pra telinha, sabe qual é? Eu que inventei isso de “*vídeo-appeal*”. Gostaram da expressão que criei? O Cariri tem faro pra coisa boa e conhece a minha fama de descobridora de talentos no meio artístico musical de Sampa *City*. Vim conferir se o produto é bom, avaliar as possibilidades de investir na imagem de vocês no mercado fonográfico, publicitário e televisivo e tal e coisa. O que acham?

ROSANA: (*empolgada*) Acho que vai ser uma boa, né? Caramba, que loucura!

MARCOS: (*eufórico*) Todo mundo vai ver a gente detonando geral na MBTV!

MARINA: Gostei da atitude. Vou dizer uma coisa pra vocês. Eu sou atriz, com DRT, me formei na EAD na USP e hoje trabalho como produtora. Saí da escola louca pra atuar e não rolou nenhum trabalho no teatro, na TV e no cinema. Daí rolou o trampo na produção da MBTV, indicado pelo meu amigo VJ Banzé. Olha, entrar na MBTV me fez descobrir e aguçar o meu faro com os talentos musicais brasileiros. Já produzi tanta gente da pesada que hoje está aí detonando geral na MBTV e em todo lugar. Então, é o seguinte. Assim numa primeira vista, vejo que são garotos e garotas bonitas, mas precisam de um banho de loja para realçar mais a beleza. Na TV digital em HD e em 3D aparece tudo. Com uma ida ao *shopping* e outra ida urgentíssima ao cabeleireiro e ao esteticista para dar um trato no visual, vamos fazer um *look* moderno e irreverente, tipo banda de *rock*, uma cena “*glitter*” ou uma cena “*emo*” ou uma transa “*dark*” ou uma parada “*heavy progressivo*” ou “*metal death*” ou algo parecido com a cena “*glamour* e rebeldia” daquelas “*boy bands*”. A onda “*surf music*” está agitada. (*todos se incomodam*)

RENATA: (*tenta falar*) Mas se a gente...

MARINA: (*interrompe, frenética*) Depois, uma agenda de *shows* e aparições em festinhas *vips* para marcar presença. Se tem alguém aí que gosta de saia justa em festa, tudo bem, pra uma banda de *rock*, sair nas revistas de fofocas, na TV e jornais por causa de uma briga ou de uma bebedeira, dá o maior cartaz e ajuda a vender CD. Vocês não têm ideia. (*excitada*) É a sociedade do espetáculo... Tudo é cena...

MATEUS: (*atônito*) Você falou banda de *rock*? *Boy band*? “*Glitter*”? “*Emo*”? “*Metal death*”?

MARINA: Vocês não são... *(toca o celular, interrompe; alto)* Fininho? O quê? *(pausa)* No programa do Paulo Bianchi e do Marco Bonfá tem camisa de futebol, meu. Pega lá e pronto, Fininho! Que aporrinhação essa MBTV! *(alto)* Ô emebêtevê! Aí ninguém funciona? Põe essa merda pra rodar! *(desliga o celular; nervosa)* Oh my god! Tem hora que eu queria trabalhar como atriz, viu? Ô aporrinhação! *(muda de tom)* É rock, não é?

MATEUS: A gente toca tudo, inclusive *rock*, mas não somos uma banda só de *rock*...

MARINA: *(interrompe)* São ecléticos então? Tocam *rock*, mas não são uma banda de *rock*, então, o que são, caramba?

RENATA: Olha, Marina, não somos uma banda de *rock*...

MARINA: *(interrompe, alterada)* Hello, crazy people! Se liga, baby!

MATEUS: Calma, Marina.

MARINA: Calma, Mateus? Não entendo a cabeça dessa rapaziada que não consegue entender a cena do mercado musical. Uma banda ou toca uma coisa ou toca outra, *baby*. Aprende isso de uma vez por todas e só assim, Mateus, entenderá a cena musical contemporânea.

MATEUS: Você diz que.... *(toca o celular e interrompe; todos se impacientam)*

MARINA: *(ao celular, alto)* Sim! Marina Carlson Picardelli. Fala, Passarela! *(pausa)* O quê? O *manager* do *rapper* ligou de Nova Iorque? Sei. *(pausa)* Sessenta mulatas de primeira pra gravar um *clipe* no Parque Lage no Rio? *(pausa)* Na escadaria da Lapa também? Caramba! Bateria de escola de samba? Tudo bem, Passarela, legal. *All right, baby*. *(desliga)* Além de produzir na MBTV, tenho uma produtora independente e faço uns bicos. Sabe como é, *baby*, tenho que comprar minha casa em Maresias. *(eufórica)* Uns *rappers* americanos querem gravar no Brasil um *clipe* com sessenta mulatas e uma bateria de escola de samba. Oh, my god! *Shit!* Isso vai dar o maior trampo. Lembra a zoeira do Michael Jackson com o Olodum no Pelourinho. Aquilo sim foi produção pauleira. Taí, com os americanos dá gosto trabalhar. *Work is money!* *(muda de tom)* Então, qual é a de vocês, *baby*?

MATEUS: *(nervoso)* Não somos banda de *rock* nem de *surf music*. Gostamos de *blues* com berimbau, de misturar capoeira, samba-de-roda, ciranda, coco, caboclinho e maracatu com guitarra pesada. Somos músicos brasileiros influenciados por Jackson do Pandeiro, Gonzagão, Pixinguinha, Jorge Benjor, Tim Maia, o jongo da Serrinha, o samba, o cururu, catira, baião, Chico Science, *mangue beat*, Capiba, Baracho, Lia de Itamaracá, Riachão, Arrigo Barnabé, Novos Baianos e James Brown, Jimi Hendrix, Led Zeppelin, Deep Purple, *rock* pesado, música eletrônica, experimentações, fusões, dodecafonias, por aí vai.

RENATA: *(decidida)* Esse é o mundo do nosso som...

MARINA: (*interrompe, eufórica*) Que mundão, hein! Já bolei uma estratégia de *marketing* da banda: garotos e garotas do Paraíso fazem um som bestial universal! Já pensou? Vocês querem concorrer ao *Grammy de world music* ou *rock'n'roll latino*? E no VMBTV?

MATEUS: Olha, Marina, aí é que tá a questão.

MARINA: Que questão?

ROSANA: É, Mateus, que questão?

MARCOS: E aí, mano, qual é a questão?

ANDRÉ: Acho bom explicar e esclarecer tudo, Mateus.

RENATA: Esclarecer o quê? Eu entendi qual é a questão do Mateus.

MARINA: Então diz logo, *baby*.

ROSANA: Vamos nessa com tudo, Mateus.

MARCOS: É a MBTV, cara!

MARINA: Já temos um esquema montado para bandas como a de vocês.

ROSANA: É a nossa chance, Mateus.

MARINA: Na boa, rapaziada. Só precisam de um empurrãozinho e estouram nas paradas.

MARCOS: É isso aí, truta, oportunidade como essa não vem toda hora.

MATEUS: Então, Marina, é o seguinte... (*toca o celular de Marina e interrompe*)

MARINA: (*ao celular, alto*) Sim! Diz aí, Gereba! (*pausa*) Sei. Gravar uma imagem com a banda tocando? (*pausa*) Sério? Pro programa das bandas novas? (*pausa*) Coletânea? (*pausa*) Sei, massa. Manda o Hércio Japa com a câmera e a Soninha Trancine para fotografar. Não demora. (*pausa*) Sim. Pego depois o Caetano em Congonhas e levo pro hotel na Paulista... (*pausa*) Manda o carro, Gereba! (*desliga*) Vocês estão com uma baita sorte. A auxiliar de produção foi ao colégio que vocês tocaram e achou uma gravação da banda. O diretor de programação gostou e quer gravar uma música pro CD e o DVD da coletânea de bandas novas da MBTV.

ROSANA: (*eufórica*) Um CD? DVD? Nossa primeira gravação! (*gargalha*)

MARCOS: (*atônito*) Que loucura! Uma coletânea da MBTV! (*ri alto*)

ANDRÉ: Não acredito nisso!

RENATA: Caramba!

MATEUS: Dá um tempo aí, gente. É muita coisa num dia só.

MARINA: E ainda tem uma gravação em vinil. O disco vinil voltou com tudo. Virou *cult* no mundo inteiro. Vão se acostumando com a agitação e a pressão. É o *show business, baby*. Se o meu amigo Nazareno Cariri produtor de *cast* e o Juca Bactéria da programação gostarem, o negócio promete. Tenho faro e estrada na produção e se vim aqui pessoalmente é porque o babado tem mel. A MBTV não me manda pra uma furada.

RENATA: (*interrompe*) A gente não precisa decidir agora, precisa? Na pressão?

MARINA: (*alterada*) Ah, precisa sim, *my darling*. Tem que ser agora. O Hércio Japa já vem gravar e a Soninha Trancine vai fotografar. Podem até fazer *playback* que depois o Juca manda dar um jeito na edição. Nas fotos, façam caras de garotos maus, irreverentes e sedutores e as meninas o estilo de roqueiras descoladas, modernas e independentes. O visual moderno da banda é o mais importante de tudo e a imagem de vocês é linda mesmo. Não são *fakes*, têm um baita apelo visual! Que beleza, a banda tem “*video-appeal*” de verdade!

MATEUS: (*irritado*) *Playback*? Olha, Marina, nem sentamos para decidir e já tá produzindo tudo. Calma aí. Não queremos copiar, imitar nem ser a aparência de nada. Tocamos desde moleques, sempre ao vivo, e assim queremos ser. Sem essa de *playback*.

RENATA: Não aceitamos essa coisa de “a aparência de uma banda é tudo”.

MARINA: (*nervosa*) Opa! *Take it easy, my little sister!* É você ou o Mateus o líder da banda?

RENATA: (*irritada*) Não, Marina, aqui ninguém manda. É o coletivo que manda. A banda toca junto por prazer e não quer ser como você quer. Mais uma bandinha fabricada fazendo música medíocre para agradar o público e vender produtos. (*alterada*) Não sei o que vocês acham, mas eu peço um tempo pra gente conversar e chegar a alguma conclusão entre nós. Eu fiquei perdida e não tenho condições de decidir nada na pressão.

MATEUS: Tem razão. Tá acontecendo tudo ao mesmo tempo, a gente se perdeu e precisa de um tempo para conversar. Vamos ter uns vinte minutos de papo, o tempo para o tal Japa e a fotógrafa chegarem. Se quiser, Marina, dá um tempo na sala...

MARINA: Tem *whisky* aí? Ah, vocês são “de menor”. Vou dar uns telefonemas do meu celular na sala, *all right*? Em vinte minutos vocês conversam e resolvo as minhas coisas. O Japa já deve chegar. Agorinha mesmo a gente ouve e grava o som da banda. *(saindo) Bye, baby!*

MATEUS: Não tem bebida. Tá a maior zoeira o apê. Já te chamo.

ROSANA: Caramba, que decisão! Quer saber? Não vejo problema em mexer no visual.

MARCOS: Não entendi a tal da questão que você, Mateus, e a Renata, tão falando. Qual é a de vocês. Tão com medo do sucesso? É um CD e um DVD produzidos pela MBTV, meu!

ANDRÉ: Não tem nada a ver isso de ter medo do sucesso. O Mateus tá encanado com a história de fabricar uma banda de “boutique”, tipo “*punk de boutique*” ou *heavy metal* ou tipo aquelas *boys bands* com garotos dançando uma coreografia ridícula. Não vamos entrar nessa que é furada. Pensem nisso aí direitinho, Marcos e Rosana.

ROSANA: Não foi isso que ela disse. E o tal de “*vídeo–appeal*” que ela falou?

MARCOS: Gostei muito do tal de “*vídeo–appeal*”. Ela quer “trabalhar a nossa imagem”.

RENATA: *(interrompe)* Aí é que rola o problema, Marcos. “Trabalhar a nossa imagem” é fazer da gente uma banda só de aparência, sem conteúdo? Quantas bandas têm por aí assim?

MATEUS: Não disse que hoje ia acontecer uma coisa que mudaria o rumo da banda? Sabia que ia dar zoeira na nossa cabeça. O que pode acontecer? Caímos no mundo das aparências do *show business*, na roda viva da indústria cultural com a nossa arte para poucos e ganhando muita grana? Ou arrepiamos geral com o nosso som sem ninguém aporrinhando as nossas ideias... *(se olham; começa o samba-de-roda DECISÃO, todos cantam e batem palmas)*

O que fazer na hora da decisão?
Quando a gente não sabe se age
Ser o que eu quero ser
Ou ser o que o outro quer que eu seja?
Qual o caminho, o atalho? Como posso saber?
Como não entregar a alma ao diabo na bandeja? *(bis)*

A música tem três variações no ritmo e no modo de cantar, de samba-de-roda no canto e na palma muda para samba-rock, com guitarras e outros instrumentos tocados pela banda, e por último, para rock pesado progressivo, heavy metal, com guitarras pesadas e a participação dos três músicos. Marina entra quando é tocada e cantada como rock pesado.

MARINA: *(aplaude)* Que *performance* da pesada! *(a música cessa; ri)* Quando ouvi vocês cantando e batucando pensei que estava baixando um santo. “Macumba *heavy metal*”, “pajelança *heavy metal*”. Essas guitarras e a pulsação pesada dos atabaques e batuques são de arrepiar. *(afflita)* Ai, o Japa devia ter gravado isso, *baby*.

MATEUS: Esse é o nosso som, Marina, nós... *(toca o celular dela e interrompe)*

MARINA: *(alto)* Sim! *(pausa)* O quê? *(pausa)* Não acredito. Só amanhã? *(pausa)* O Hércio Japa e a Soninha Trancine tiveram que ir pro *show* do *Skankara*? *(pausa)* Sei. E agora? *(pausa; irritada)* Isso não é problema meu. A banda é da pesada e a gente vai perder a chance de gravar os caras? *(pausa)* Amanhã é amanhã, *baby*. O Zé Cabeça vem me pegar? *(pausa; alto)* Quer saber? *Let it be!* Ô MBTV! Põe essa porra pra funcionar! Põe essa merda fedida de porco com caganeira pra funcionar! *(desliga; nervosa)* Que bagunça a televisão musical brasileira. País cheio de talentos, a gente perde tempo e dinheiro com coisinhas bestas. *(recompõe-se)* O Japa só pode gravar amanhã. O som de vocês é demais e quero produzir.

MATEUS: *(interrompe)* Olha, Marina, tudo bem. Vamos fazer o seguinte. O cara não veio e nem vem, então, você me liga amanhã e eu te falo o que a banda decidiu. Tudo bem?

ROSANA: Amanhã sem falta o Mateus te diz alguma coisa.

MARCOS: Quer dizer que gostou mesmo do nosso som ou é embromação?

MARINA: *(com ênfase)* O som de vocês tem fúria. *(delira)* Cavalos de força do Paraíso dão vida à máquina do *rock'n'roll!* O ritmo esfuziante da *terra brasilis* lubrifica as engrenagens enferrujadas do *heavy metal!* Serafins do Paraíso colocam fogo no *rock'n'roll!* Jeff Beck, Eric Clapton, Hendrix, Keith Richard, Jimmy Page, Pepeu Gomes, Robertinho do Recife, Edgard Scandurra e Armandinho põem as guitarras aos pés dos incendiários do Paraíso! *Rock'n'cururu* do Paraíso! *Rock'n'* Macunaíma! *(pausa)* Acabou o estoque de manchetes.

MATEUS: Não exagera, Marina. Não mostramos nada, foi só uma coisa de impulso, improvisada, feita no exato momento da decisão que a gente tinha que tomar.

MARINA: É isso que interessa numa banda de *rock!* Estilo, atitude... *(toca o celular; os outros se incomodam)* Sim! Chegou o carro? Quem é o motorista? Não é o Zé Cabeça? É você, Lombrigão? Beleza! Já desço. *Bye, Lombrigão. (desliga)* Ai, *my god!* Tenho um *free lancer*. A planilha do festival de música eletrônica. Um DJ inglês quer 350 garrafas de água pra um *show* de duas horas. Vou nessa, *baby. (abraça Mateus)* É isso aí, garoto. Sinto que abraço um futuro astro do *rock* brasileiro. Nunca me engano, viu? Falo contigo amanhã. Um abraço a todo mundo. *Very, very nice this song, baby... Oh my god, a água do inglês...*

MATEUS: Valeu, Marina. Amanhã a gente se fala.

MARINA: Valeu, grande garoto! *The best! The band leader of “rock’n’cururu”!* (o celular toca; todos ficam em volta dela, desentendidos; alucinada) Ô Marysun! Say, Marysun. Hum, sei, sei. Sério? Sei, sei. Caramba! *What?* (pausa) Marysun apresenta o acústico da MBTV com o Raspa, o D+2, o Pato Pum, o Capital Inercial, o Pira, os Tantans, o XisXis Menos Zero, os Reengenheiros do Icarai e o Frésco? Caramba! Os caras têm bala pra um acústico ao vivo? A rapaziada nova vem com tudo, esses caras aí, sei não. Ouvi um troço louco do outro mundo agora, uns caras e umas minas da pesada, pajelança *heavy metal*. *Hard Chico Science* na veia. Troço louco, Marysun! Acústico é na lata e ao vivo. O D+2 e o Raspa são feras e colocam fogo na plateia. Mas o Frésco e o Pira? (pausa) *What?* (pausa) *Take it easy, my baby*. Espera, Marysun, é rápido. (se despede) Valeu, Mateus! É isso aí, banda “sangue bom”! (sai falando, histérica) “Mary”? Yes, Marysun. “Joints”? Ih, fedeu...

RENATA: Que piração essa figura, cara!

MATEUS: Coisa de louco. Adrenalina pura. “Na pressão”! (todos riem)

ROSANA: Nunca vi ninguém assim tão a mil.

MARCOS: Que viagem a da mina de inventar aquelas manchetes e chamadas.

RENATA: E o celular? Meus Deus, que neura a mulher!

ANDRÉ: Teve uma hora que eu queria pegar o celular e jogar pela janela.

MATEUS: Que loucura falar com alguém que para a conversa e atende o celular. Nunca completa um assunto. Fora que você acaba se perdendo no papo.

RENATA: Eu sou até mais radical e acho que é uma falta de educação isso.

ROSANA: Eu também não suporto alguém falando comigo e mais alguém no celular.

ANDRÉ: O celular é uma praga universal que acaba com a nossa individualidade.

MARCOS: Que isso, mano? A mina precisa do celular, ela é produtora de TV e a vida dela é essa correria mesmo, depende do celular.

ROSANA: Mas ela gostou do nosso som, isso sim.

ANDRÉ: De ficar arrepiada quando ouviu a música.

RENATA: Essa música já tem nome?

MATEUS: Chama *Decisão*. Tá batizado nosso samba-de-roda que virou *samba-rock* e no final das contas teve até umas coisas de *heavy metal*. Tudo no calor da hora. “*Rock’n’cururu*” do Paraíso! “*Macumba heavy metal, pajelança heavy metal*”. (riem)

ROSANA: Mateus *is the “band leader of Rock’n’cururu”* do Paraíso. *(riem mais)*

RENATA: Gosto quando a gente canta e toca assim, no impulso da emoção.

MARCOS: Eu também, Renata. “Sonzaço” da hora, mano! Coisa linda mesmo, meu!

RENATA: Ô Mateus, me lembrei daquele seu poema em homenagem aos artistas brasileiros.

MATEUS: É uma brincadeira de duas violas, uma com *slide* de *blues*, que dá um som diferente.

RENATA: Toca a viola aí, vai. Tem tudo a ver com o que a gente quer falar.

MATEUS: *(pega uma folha com o poema e entrega a Renata)* Mas ainda não musiquei o poema. É a *Rapsódia do mundaréu*, inspirada nos artistas brasileiros e nos modos de fazer poesia dos cantadores e repentistas. Rapsódia entre os gregos são trechos de poemas épicos cantados pelos rapsodos, os cantores poetas ambulantes. Na música, a rapsódia é uma fantasia instrumental que usa temas improvisados, inspirados nos cantos populares. É bem o que a gente faz com os ritmos. Vamos brincar com isso agora?

ANDRÉ: Isso de rapsódia com *blues* e modas de viola pode ser demais. Cantor poeta ambulante faz lembrar cantores de *blues*, violeiros, cururus, repentistas, emboladas, cocos...

RENATA: São histórias em canções e poesia... Vocês tocam e eu leio o poema. *(respira fundo e lê o título)* Rapsódia do mundaréu.

Mateus faz na viola solos de slides, metal friccionado nas cordas, André faz a base na outra viola, Marcos na bateria com baquetas “vassourinha” (de jazz e blues), Rosana no violão e Renata lê o poema RAPSÓDIA DO MUNDARÉU. As violas misturam blues, cururu e modas de viola.

RENATA: *(fala na pulsação das violas)*

Começo com uma sextilha
Minha rapsódia bendita,
Saúdo os artistas brasileiros,
Criadores de mundos e vidas,
A música não é só espelho, é janela,
É lente que revela as coisas escondidas.

Da sextilha vou pra gemedeira,
Meu canto é minha pinga,
A imaginação é minha droga,
Minha voz é minha ginga,

No desvario da paulicéia, ai, ai, ai...
Sou o perfume, sou a catinga.
Da gemedeira vou para as sete linhas do mourão,
Cada palavra é um corpo que dança e gira,
Hoje tem coco, xote, maxixe e baião,
Tem cururu, martelo, jongo, tem catira,
Samba rural paulista, samba de roda,
Tem ijexá, batuque pro Curupira,
Cateretê, fandango e moda de viola.

Salve a voz, a viola e a poesia dos rapsodos!
O grande livro do mundo não é só aparência,
É risco, memória, imaginação e experiência.
Na vida sou rei e rato e quem se debate é afogado,
Canto o feito, a fita e o fato da vida no ato,
Correr o risco é arte e é ciência.

Saúdo os artistas brasileiros com carinho,
Salve o pandeiro do Jackson, o vale do João,
O bandolim do Jacob, o nascimento do Milton,
Os tons de Zé e Jobim, a viola do Paulinho,
O pagodinho do Zeca, a vila do Martinho,
A rocha do Glauber, as rosas de Guimarães, Virgínia e Noel,
O monte da Marisa, a cachaça do Carlos, a bandeira do Manuel,
As pessoas do Fernando, a assunção do Itamar,
A melodia do Luís, a pancada do ganzá,
Assaré do Patativa, Itamaracá de Lia e os poetas de cordel!

São as vozes, poemas e cantorias
Que acalantam as almas brasileiras
Com farras, festas, falas e folias.
Salve a congada, o caxambu, o zé-pereira!
A música é minha fé, é minha cachaça,
Vida sem dança, canção e poesia não tem graça,
Salve o divino e o canto das caixeiras!

Vou fechar a cantoria

Já contei um fato.
Contei um, dois, três,
Qual é o fruto, o risco, o fato, a fita da vez?
No palco a estripulia
Acaba no último ato.
Contei quatro, cinco, seis,
Qual é a fita, o fato, o fruto, o risco da vez?

MARCOS: Qual é a fita?

ROSANA: Qual é o fato?

ANDRÉ: Qual é o fruto?

RENATA: Qual é o risco da vez? *(a música cessa; suspira, emocionada)* Que demais o poema, Mateus! “Correr o risco é arte e é ciência”. *(o abraça e o beija na boca; sussurra, baixinho)* Você me surpreende e me conquista com tanta inspiração. *(o abraça forte, se beijam docemente e se separam)*

MATEUS: Gosta mesmo, Renatinha? Não sei, foi um jeito de homenagear quem eu gosto. Mas o melhor de tudo foi o seu modo de interpretar o poema e a gente improvisando e brincando com a música. É aí que essa banda é boa no que faz. Se olha e toca sem combinar nada.

MARCOS: “Qual é o risco da vez?” É a minha vida, mano!

ROSANA: “Qual é a fita? Qual é o fato? Qual é o fruto da vez?” Isso é a nossa vida, cara!

RENATA: “Qual é o risco da vez?” Todo dia um risco... “Na pressão”.

ANDRÉ: Isso me lembra quando a gente brincava no quintal, lembra, Mateus?

MATEUS: Foi naquele quintal do Paraíso destruído pelas máquinas que aprendi a ouvir os sons das coisas. A música nasceu ali comigo. *(distante)* O Conde da Boa Sorte de branco...

MARCOS: *(interrompe, aborrecido)* Tá, tudo bem, “sonzaço” que fizemos. Mas não entendi a parada que rolou. Os três fizeram de tudo para atralhar a transa com a mina da MBTV.

ROSANA: Pra ser sincera, eu também não saquei. Vocês não cederam em nada.

MATEUS: Ceder em quê? Ah, então vocês queriam que cedesse e a gente virasse mais um grupinho pasteurizado, empacotado e embalado como um produto para consumo rápido?

RENATA: Vocês se iludiram com aquelas coisas que ela falou? Não acredito!

ROSANA: Não acredita em que, Renata? Ela só falou em cuidar do nosso visual.

MARCOS: Não vi nada demais no que ela falou. Essa é a trajetória de muitas bandas.

ROSANA: Uma produtora descobre uma banda boa e investe nela. Qual o problema?

MARCOS: A banda mostra o seu trabalho, ganha a sua grana honestamente e pronto.

ANDRÉ: Honestamente, Marcos? Fazer música para vender chiclete e refrigerante?

MARCOS: E daí, mano? Não é uma parada honesta?

ANDRÉ: E daí? Honesta? Cara, nem sei o que te dizer...

ROSANA: Não sei, gostei dela e acho que ela curtiu e gostou muito do nosso som. Senão não ia dizer aquilo tudo assim. A mina mostrou sinceridade.

ANDRÉ: Isso foi muito bom. Senti que ela curtiu o som da gente mesmo. Mas não sei. Precisa de mais tempo pra gente ver qual é isso aí, não é, Mateus?

MATEUS: Não disse que ia mexer com a banda a visita da produtora? A gente não pode brigar entre a gente por causa disso. A nossa regra é sempre conversar e cada um apresenta seus argumentos, não é mesmo?

MARCOS: É isso aí, mostrei meus argumentos e o que a banda decidir tá decidido.

MATEUS: (*decidido*) Aí, é melhor deixar pra lá esse papo, tudo isso, certo? Vamos entrar numa outra onda? Que tal tirar a pressão com música? (*num rompante*) Tem um poema inspirado no Shakespeare, no personagem Caliban da peça *A tempestade*, que tem tudo a ver com o momento. Marcos, você entra com os atabaques numa levada de maracatu, bem devagar, “ralentado”. André, Rosana, joguem uma bases, solos e distorções de guitarras em cima do que eu digo com a Renata. Lembra do poema, Renata?

RENATA: (*emocionada*) Vamos nessa que eu preciso cantar e gritar para não chorar.

Começa o maracatu INVASÃO, lento, com atabaques e guitarras pesadas, tocado pela banda e pelos três músicos. As luzes destacam Mateus e Renata e as suas falas são quase cantos, são falas ritmadas.

MATEUS: (*na pulsação da música*) Esse maracatu vai pra quem quer que o artista seja mais um produto do mercado. (*gesticula*) Aqui ó! Somos todos Calibans! Não somos sabonete nem chiclete, nem refrigerante nem cotonete! Nem “vidiotas”! Ô MBTV, põe essa bosta de merda pra funcionar! (*riem*) Saiam pra lá, exterminadores do futuro! Cadê o homem? Cadê o mundo? (*alto*) Outro mundo é possível! Outro homem é possível? Cadê o quintal do Paraíso que estava aqui? (*acento musical*) Salve, salve, Conde da Boa Sorte! Salve, salve os seresteiros! Salve o baião, o xaxado e o xote! Salve a zabumba e o candongueiro! (*grita*) Xô! Saiam pra lá, espíritos dos exterminadores do passado, do presente e do futuro!

(*canta*) Oxalá todas as pragas e doenças do mundo
Acabem com os exterminadores do futuro!
Que os rios sequem sem vida,

Acabe toda a comida,
Se derrubem todos os muros
E os esgotos invadam as avenidas. *(bis)*

RENATA: *(canta)*
Que sejam destruídas as armas de guerra
E as sementes envenenadas,
Ninguém é dono da terra,
A vida não é um mercado,
A montanha não tem preço,
Nem o rio pode ser desviado. *(bis)*

(fala) Quando chegaram, acreditei em vocês e me corromperam. Ganhei espelhos, panelas, anéis e metais e ofereci frutos, rios, praias, florestas e quintais. *(acento musical)*

MATEUS: *(fala)* Que te devorem as pulgas, os sapos, os escorpiões, as baratas e os morcegos! Vocês reinam na minha terra e eu sou escravo em meu país?

RENATA: Oxalá a peste te mate! Toupeira vil e desengonçada, saco de maldades!

MATEUS: Enterro um prego nas suas ventas, intelectual embusteiro, instruído no penico. Que o diabo te coma os olhos, vendilhões de almas, exploradores miseráveis, malditas seivas e raízes do mal. Abraço de tamanduá, piolho imberbe, biltre salafrário, vírus do apocalipse, pulha enciclopédico, sovaco erudito.

RENATA: *(fala quase canto)*
Qual a lei para quem faz, não executa e não cumpre as leis?
Os políticos que misturam vida pública e vida privada,
Que fazem da política algo depravado,
Com “maracutaias” e mamatas.
Que tenham seus bens divididos,
Suas prisões decretadas.
Legislar em causa própria
É crime de lesa-pátria.
Os sonhos e as utopias não acabaram,
Porque não foram vividas ou sonhadas.

MATEUS: *(fala)* Não tenham medo, povos do novo mundo, dos exterminadores do passado, do presente e do futuro, dos senhores da guerra, dos donos da terra.

(canta)
Sonho que o inferno não é aqui.
O inferno não é aqui!
Não podemos mais esperar,
Nossos corações e mentes imploram.

Não podemos mais aguentar,
O abismo entre as nações,
O extermínio de gerações.
No coração do gigante adormecido em berço esplêndido
Há uma criança sem nome e com fome que chora
E um anjo guerreiro que acorda. *(bis)*

Renata canta o bis com Mateus, se abraçam no fim do verso, ela o beija na boca docemente, riem e improvisam uma poesia, na pulsação do maracatu.

MATEUS: *(ergue o violão no alto, abre os braços e grita)* Salve, salve os seresteiros!

RENATA: A ciranda, o *blues*, *jazz*, *rock*, o samba-lenço.

MATEUS: A vida sem a música seria um erro.

RENATA: O resto é silêncio...

A música cresce. Todos param num gesto, compõem uma imagem final da banda, como numa fotografia do cartaz de divulgação da banda. Mateus com o violão erguido no alto. A luz destaca a fotografia. Todos ficam imóveis com expressões e máscaras cômicas em seus rostos. A luz cai em penumbra aos poucos na fotografia com as expressões cômicas dos atores/atrizes. A música termina, contundente e apoteótica. Escuridão e silêncio.

FIM

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contatos:

CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Luiz Carlos Laranjeiras (Luís Carlos Ribeiro dos Santos)

48 99854 8558 / 11 95218 7346 / 61 99804 3868

luizclaranjeiras@gmail.com

icsantosreis@hotmail.com

Thiago Arruda “Mairum” Ribeiro dos Santos (filho do autor)

48 99673 1772 / 48 99125 0134

thiagomairum@hotmail.com

thiagomairum@yahoo.com.br